



## Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da *Bíblia Hebraica*

*The enemies of Baal and Anat: the chaos in the Cycle of Baal and Anat and their resonances in the texts of the Hebrew Bible*

*Los enemigos de Baal y Anat: el caos en el Ciclo de Baal y Anat y sus resonancias en los textos de la Biblia Hebrea*

Sue'Hellen Monteiro de Matos<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-6050-488X](https://orcid.org/0000-0002-6050-488X)  
[suehellen.matos@gmail.com](mailto:suehellen.matos@gmail.com)

Recebido em: 12/12/2019.

Aprovado em: 29/5/2020.

Publicado em: xx/xx/2020.

**Resumo:** Certas culturas da Antiguidade possuem, na base da sua cosmogonia, o conceito de "caos": a desordem primordial, que a divindade organiza, dando origem ao "cosmos", a ordem. Os textos da Bíblia Hebraica apresentam a ordenação do caos por YHWH, os quais partilham do imaginário cosmogônico de outras culturas, tais como mesopotâmica e ugarítica. Isso posto, o presente artigo objetiva discutir sobre o caos na mitologia ugarítica, especificamente, no Ciclo de Baal e Anat, bem como analisar as ressonâncias desse imaginário nos textos da *Bíblia Hebraica*, agora, atribuindo a YHWH os feitos de Baal.

**Palavras-chave:** Mitologia ugarítica. Caos. Baal. Anat. YHWH.

**Abstract:** Certain ancient cultures have, at the base of their cosmogony, the concept of 'chaos': the primordial disorder, which the divinity organizes, giving rise to the 'cosmos', the order. The Hebrew Biblical texts present the ordering of chaos by YHWH, which share the cosmogony imagery of other cultures, such as Mesopotamian and Ugaritic. That said, this article aims to discuss chaos in Ugaritic mythology, specifically in the Cycle of Baal and Anat, as well as to analyze the resonances of this imaginary in the texts of the Hebrew Bible, now, attributing to YHWH the deeds of Baal.

**Keywords:** Ugaritic mythology. Chaos. Baal. Anat. YHWH.

**Resumen:** Ciertas culturas antiguas tienen, en la base de su cosmogonía, el concepto de "caos": el desorden primordial, que la divinidad organiza, dando lugar al "cosmos", el orden. Los textos bíblicos hebreos presentan el ordenamiento del caos por parte de YHWH, que comparte las imágenes cosmogónicas de otras culturas, como la mesopotámica y la ugarítica. Dicho esto, el presente artículo tiene como objetivo discutir el caos en la mitología ugarítica, específicamente en el Ciclo de Baal y Anat, así como analizar las resonancias de este imaginario en los textos de la Biblia hebrea, ahora, atribuyendo a YHWH los hechos de Baal.

**Palabras clave:** Mitología ugarítica. Caos. Baal. Anat. YHWH.

### Introdução

No mundo antigo o conceito de caos era pensado mitologicamente com o propósito de imaginar e de explicar como tinha sido a origem do mundo. O caos, então, é pensado como algo primitivo, inicial, originário, geralmente entendido como desordem, indeterminação, a falta de leis e de forma (GUTIÉRREZ, 2016, p. 46).

Contraposto ao caos, temos o cosmos, a ordem. De acordo com Barnes (1997, p. 200) o cosmos é compreendido como o universo ordenado e,



<sup>1</sup> Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), Santos, São Paulo, Brasil

por ser ordenado, em princípio, deve ser explicável. Nesse sentido, as narrativas míticas buscam, através de seus textos, explicar a ordenação desse universo, através da derrocada de deidades ligadas ao caos por divindades geradoras da ordem cósmica. Em geral, os mitos surgem como narrativas populares orais, até atingirem a forma de textos escritos.

Croatto (2010, p. 272) afirma que "todo mito é delimitador de uma cosmovisão. Expressa-a vivamente em função da experiência que o grupo tem do sagrado em relação à sua realidade [...] o mito, de fato, é instaurador de realidades significativas". Logo, os mitos que contemplam o ordenamento do caos expressam realidades significativas para o grupo no qual esses mitos surgiram. Por exemplo, a própria morte e a ressurreição de Baal trazem consigo a realidade do plantio e da fertilidade da terra.

A literatura do Antigo Oriente Próximo apresenta diversas narrativas míticas sobre a ordenação do caos. Um dos textos mais conhecidos é o *Enuma Elish*, texto sumério, que narra a ascensão de Marduk ao *status* de Deus principal do panteão após derrotar Tiamat, a Deusa do mar, representação do caos. A narrativa de Gênesis 1,1-2,4a também aborda a temática da ordem divina sobre o caos das águas. Há outros textos bíblicos que relatam YHWH como aquele que destruiu ou destruirá o monstro marinho (Is 27,1; 51,9; Sl 74,14).

Entretanto, entre o texto sumério e o bíblico, há os textos ugaríticos a serem considerados para uma compreensão do conceito de caos no mundo antigo, especialmente na região do Levante. Em nosso ensaio, portanto, analisaremos a narrativa do Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da *Bíblia Hebraica*. Para tal, faremos um breve comentário sobre os textos descobertos em Ugarit, os quais são fundamentais para a compreensão do pensamento religioso ugarítico. Em seguida, faremos a análise do Ciclo de Baal e Anat, com ênfase em como ambas as divindades ordenam o caos, ou melhor, as deidades caóticas. Por fim, observaremos as ressonâncias dessa nar-

rativa nos textos da *Bíblia Hebraica*, na qual YHWH assume o papel de Baal na ordenação do caos primordial vencendo deidades semelhantes, ou provavelmente, as mesmas enfrentadas por Baal.

## 1 Os textos ugaríticos

Os textos descobertos na cidade de Ugarit (atual Ras Shamra, Síria) fornecem elementos que nos permitem conhecer sobre essa cidade, seu povo e sua religião. Foram encontrados em Ugarit 200 textos escolares que continham o alfabeto, catálogos lexicais e catálogos das divindades; cópias do Épico de Gilgamesh, um dos textos mais antigos do Antigo Oriente Próximo;<sup>17</sup> bibliotecas com mais de 1500 textos em Ugarit e, na residência sumo sacerdote da região, localizada entre o templo de Baal e de Dagon, encontraram 135 textos de cunho religiosos, incluídos 24 tabletes contendo os épicos da literatura ugarítica: Kirta, Aqhat e o Ciclo de Baal e Anat (SCHNIEDEWIND; HUNT, 2007, p. 8-11).

A partir desses achados, observamos que a cidade de Ugarit desenvolveu uma intensa atividade literária e, possivelmente, havia ali inúmeras escolas de escribas, principalmente nos anos do apogeu da cidade, entre o séc. XV e XIV AEC. Provavelmente, os épicos ugaríticos, que eram transmitidos oralmente, foram escritos durante o reinado de Niqmaddu II (1350 AEC) (MOURA, 2016, p. 4).

Resumidamente,<sup>2</sup> a lenda do rei Kirta, preservada em três grandes tabletes de argila, narra a saga desse rei para conseguir a continuidade de sua dinastia. Após uma série de infortúnios, o rei fica sem herdeiro ao trono. Então, ele ora a El, que aparece em um sonho questionando o choro do rei e, antes de trazer a solução para sua situação, El exige o sacrifício com cordeiro, pão, ave, vinho, o qual seria a El, Baal e também a Dagon, filho de Baal. El, então, envia Kirta em marcha pelas cidades, para atacá-las e invadi-las até encontrar a jovem que viria a ser sua esposa. Kirta, ao encontrar a jovem Hurrayau a descreve, praticamente, como uma Deusa:

<sup>2</sup> Para verificar os textos ugaríticos completos, veja LETE, G. Del Olmo. *Mitos y Leyendas de Canaan según la tradición de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

A mais graciosa da linhagem de teu primogênito  
Cuja graça é como a de Anat  
Como a beleza de Asherah é sua beleza (KTU  
1.14III – 40-42).<sup>3</sup>

No entanto, o rei ainda não casa com a jovem. Continua em sua marcha até chegar ao santuário de Asherah e fazer promessa à Deusa, para que Hurrayau seja sua esposa, em troca daria à divindade prata e ouro. A narrativa termina com o cumprimento da promessa. Kirta se casa com Hurrayu, que dá à luz a sete filhos, os quais deverão se alimentar do leite de Asherah e mamar nos seios de Anat e, assim, tornar-se príncipes.

A lenda de Aqhat, infelizmente, está pouco preservada. Os tabletes de argila encontrados possuem grandes lacunas que dificultam a compreensão da narrativa. Sobre o que se pôde traduzir, a lenda narra a vida de um patriarca chamado Daniilu que não tem filhos. Baal se compadece de Daniilu e intercede a El para que esse abençoe Daniilu e lhe conceda um filho, como vemos a seguir:

Olha! Ao sétimo dia  
Respondeu Baal em sua benevolência:  
Que miserável estás, Daniilu, o Rapai  
queixoso, o herói Harnamí,  
ele que não tem filho como seus irmãos,  
nem descendência como seus parênteses [...]  
Abençoa-o, oh, Toro El, meu pai,  
Conforta-o, oh, criador das criaturas!  
E haja um filho seu em sua casa,  
Descendência em seu palácio (KTU 1.17I – 15-  
19.23-25).

El então abençoa a Daniilu e a sua esposa. Entretanto, não há a descrição do nascimento de Aqhat, filho de Daniilu. O texto menciona apenas a o seu progenitor, Daniilu. Subentende-se, então, que a benção de El se concretizou.

Em seguida, a narrativa conta que em uma festa, o Deus artesão Kothar presenteia Aqhat com um arco. Problemas começam a surgir quando a Deusa guerreira Anat cobiça o maravilhoso arco. Ela ofe-

rece imortalidade a Aqhat em troca da arma, mas Aqhat recusa a oferta. Há uma série de ameaças por parte da Deusa contra Aqhat, mas esse permanece em sua recusa. Anat, então, convence seu subordinado Yatipan a matar Aqhat. Depois disso, não conseguimos identificar o final da narrativa, devido à deterioração dessa parte do tablete.

O Ciclo de Baal e Anat é considerado o principal texto de Ugarit. Foi encontrado, em tabletes de argila, na biblioteca do sacerdote da região. Escrito em seis volumes, e redigido, conforme informado pelo próprio texto, pelo escriba Ilimilku. Esses tabletes apresentam três narrativas que formam o Ciclo de Baal e Anat. Devido aos tabletes possuírem lacunas, há dificuldade em ordenar as narrativas. Possivelmente, esta seria a ordem: 1) O Deus da tempestade Baal e o Deus do mar Yam; 2) A construção do palácio de Baal; 3) Baal; Anat, a Deusa guerreira; e Mot, o Deus da morte (MOURA, 2012, p. 57-58).

Sintetizando, a primeira narrativa refere-se a Baal e Yam. Esse relato demonstra a ascensão de Baal ao poder, sua luta com Yam, e conseqüentemente, sua vitória sobre a deidade caótica, Yam. A segunda narrativa foca na construção do palácio real de Baal, enfatizando assim sua autoridade e poder dentro do panteão ugarítico. Por fim, a terceira narrativa descreve Mot, o Deus da morte, derrotando e matando Baal, confinando-o no submundo cósmico. Anat, a Deusa guerreira, sente saudades do irmão-amante e vai até ao submundo resgatá-lo. Lá, luta com Mot, vence-o e salva Baal, o qual retorna ao seu reinado. Entretanto, Mot não morre e, somente com a intervenção de El, chefe do panteão, a ordem pôde ser restaurada.

## 2 Ordenando o caos: a morte de Litan e Yam e a derrota de Mot na literatura ugarítica

Baal, Yam, Mot são Deuses que competem pelo domínio cósmico e, provavelmente, exercem maiores influências na literatura ugarítica, juntamente com El, Asherah e Anat. As narrativas pertencentes ao Ciclo de Baal e Anat destacam

<sup>3</sup> KTU é a sigla para *Keilalphabetischen Texte aus Ugarit*, classificação alemã dos textos ugaríticos. Doravante, as citações dos textos ugaríticos serão feitas a partir da tradução de LETE (1981).

o crescimento de Baal como Deus vitorioso na disputa pelo reinado cósmico, como descrito na narrativa Baal–Yam (KTU 1. 1–2) e Baal–Mot (KTU 1. 3–6). Entretanto, é preciso ressaltar que, nesse segundo círculo narrativo, Anat desempenha um papel fundamental para o restabelecimento da ordem: ela é quem derrota, de fato, Mot.

A função do reinado cósmico de Yam nesses mitos não é certa. Aparece apenas como um príncipe privilegiado com um palácio construído a mando de El pelo Deus artesão/construtor, Kotaru-Hasisu, como se encontra em KTU 1,2III– 7-8:

[Escuta, oh!] Kotaru-Hasisu,  
 Construa a casa de Yam,  
 O palácio de Naharu  
 No coração de [?]  
 Veja, Kotaru-Hasisu  
 A construir a casa do Príncipe Yam

Devido à deterioração do tablete, observe que no texto citado há uma lacuna no que se refere à localidade do palácio de Yam. De acordo Smith (2018, p. 136), por se tratar de uma deidade caótica, Yam habitaria o oceano cósmico, inclusive o significado do nome da divindade é “mar”. Nesta discussão sobre o local de habitação das deidades, o autor ainda acrescenta que, ao se tratar de divindades caóticas, além do oceano cósmico, elas habitam o submundo. E, por outro lado, as divindades benéficas habitam montanhas sagradas.

Justamente por Baal derrotar Yam e tornar-se rei, ele constrói no monte Safon seu palácio, conforme relata o segundo círculo narrativo. Em KTU 1,3 III 26-31 observamos:

Eu quero construir um palácio, como não o conhecem os céus  
 Algo que os humanos não conhecem,  
 E nem (o) entendem as multidões da terra  
 Vem e eu to revelarei  
 Em minha montanha divina, Safon  
 Em meu santuário, no monte de minha possessão  
 Em um lugar agradável, na colina do triunfo.

Na mitologia ugarítica a montanha sagrada é tida como lugar de festa dos deuses. E, como

observado, é o “lugar agradável”. Conforme Smith (2018, p. 136), o conceito de “lugar agradável” faz parte do campo semântico do jardim e, assim, paralelo à linguagem bíblica sobre os jardins, inclusive o jardim do Éden. Seria, portanto, o ponto central do cosmos dentro da mitologia, seja bíblica ou ugarítica. Neste sentido, é de sua montanha sagrada, Safon, que Baal rege o cosmos.

Com seu palácio estabelecido, Baal transmite suas palavras aos heróis, exortando-os a saírem da guerra e a promoverem a paz na terra e no campo (KTU 1,3III 15-17). Na sequência, Anat com todo temor e tremor, destaca os grandes feitos de Baal:

Apenas Anat espiou os Deuses,  
 seus pés tremeram,  
 por detrás de seu lombo se dobrou,  
 por cima de seu rosto se pôs a suar,  
 se contraíram as juntas de seu lombo,  
 os músculos de suas costas.  
 Ergueu sua voz e exclamou:  
 Como chegaram Gapn e Ugar?  
 Qual inimigo se levanta contra Baal,  
 Qual inimigo contra o cavaleiro das nuvens?  
 Certamente eu lutei com Yam, o Amado de El,  
 Certamente eu acabei com o Nabaru, o Grande Deus  
 Certamente eu amarrei Tunnanu, fechei sua boca,  
 Eu lutei com a Serpente sinuosa,  
 a soberana de sete cabeças,  
 Eu esmaguei Arsu, o Amado de El,  
 Eu aniquilei Ataku, o Bezerro de El,  
 Esmaguei Isatu, cachorra divina,  
 Eu aniquilei a Dububu, a filha de El,  
 Que eu possa lutar pela prata e herdar o ouro.  
 (KTU 1,3 III – 32-46).

Nota-se que, ao mesmo tempo em que Anat exclama os feitos de Baal, a narrativa indica que o próprio Baal entra em cena para afirmar as suas conquistas, enfatizando que não há inimigo que subsista ao confronto com Baal, afinal, agora ele é o rei cósmico, mesmo que ainda esteja subordinado a El e Asherah, já que ambos continuam sendo o casal chefe do panteão ugarítico.

Ademais, observa-se neste texto que Yam ganha o destaque de “amado de El”, assim como

os outros inimigos derrotados estão diretamente ligados ao chefe do panteão. De acordo com Smith (2018, p. 140), tanto Yam quanto El partilham uma característica comum: ambos são oponentes do Deus da tempestade, Baal. Contudo, diferente de Yam, El não enfrenta diretamente o Deus da tempestade. Inclusive, no final de todo o ciclo, El acaba por reconhecer o senhorio de Baal sobre toda a terra. No entanto, no Ciclo de Baal e Anat, o Deus da tempestade não apresenta nenhum conflito com a Deusa Asherah, a chefe do panteão. Embora ela lamente a morte de seus filhos pelas mãos de Baal (KTU 1.4 II, 21-26), ela intercede junto a El para que se construa um palácio para Baal (KTU 1.4 IV 58 - V 11).

Com isso, compreendendo que o mito surge da experiência que o grupo tem do sagrado em relação à sua própria realidade; é bem possível que o culto a Baal ganhava destaque dentro da fé plural ugarítica.

Ainda nesta lista de inimigos derrotados por Baal, destacamos a menção à destruição da deidade caótica Tunnanu, descrita como uma serpente de sete cabeças. Entretanto, não há uma narrativa específica mostrando quando e como Baal derrota tal divindade. Há apenas a menção da vitória do Deus da tempestade sobre a serpente. A mesma descrição de serpente é apontada no terceiro círculo narrativo quando Mot relembra Baal de seus feitos. Só que agora, a serpente chama-se Litan:

Você matou Litan, a Serpente Voadora,  
Aniquilou a Serpente Sinuosa,  
uma potestade com sete cabeças. (KTU 1.5 I 1-3).

Provavelmente trata-se da mesma deidade. Smith (2018, p. 139) propõe que Tunnanu seja um nome genérico para monstros marinhos, uma espécie de serpente-dragão. Então, é provável que ambas as descrições se refiram à mesma deidade caótica derrotada por Baal.

Note que a descrição de Litan é monstruosa, algo comum nos textos do Antigo Oriente Próximo quando se refere à descrição de deidades caóticas. As representações teriomórficas evidenciam a dicotomia entre deidades benéficas e inimigos

cósmicos. Por sua vez, as benéficas são associadas com animais domesticáveis, quando não são antropomórficas (SMITH, 2018, p. 138). Por exemplo, El é associado com Touro, animal domesticado, enquanto Litan é descrita como uma besta.

Por fim, o terceiro círculo narrativo apresenta outro inimigo de Baal: Mot. O Deus Mot representa uma força primária no universo, a morte. O Deus da morte deseja aumentar o seu poder e reinar no lugar de Baal:

Para que grite Mot em sua alma  
se instrua o amado de El em seu interior:  
você é o único que reinará sobre os deuses  
e que verá saciados deuses e homens  
e que saciará as multidões da terra (KTU 1.4 VII, 48-52).

Do mesmo modo que Yam, Mot também é chamado de "amado de El", como observado no texto supracitado. Há ainda outro título empregado a Mot: o de herói:

Eu certamente enviarei um mensageiro  
para o filho de El, Mot,  
uma mensagem para o amado de El, o herói  
(KTU 1.4 VII, 46-47).

Por ser uma deidade caótica, Mot, o amado de El, habita o submundo. De acordo com o texto ugarítico, para chegar à morada de Mot, os mensageiros dos Deuses precisam levantar a montanha para descer ao submundo e encontrar Mot (KTU 1.4 VIII - 1-24). Na *Bíblia Hebraica* temos o *sheol* como lugar dos mortos (Sl 6,5) e, para alcançá-lo, a única informação que encontramos é o "descer ao *sheol*" (Gn 37,35; 43,38), sem mencionar o "levantar da montanha". Também não há descrição de nenhuma deidade que habita esse submundo, apenas o lugar dos que morrem. Mas, de todo modo, há a aproximação do imaginário, até porque a própria morte torna-se inimiga de YHWH.

O conflito entre Mot e Baal está diretamente relacionado com o intento de Mot em tirar a fertilidade da terra e provocar a escassez para reinar sobre o cosmos. A luta dessas duas divindades pelo reino cósmico representa fertilidade e morte (MOURA, 2012, p. 65).

Baal, que já havia derrotado as forças caóticas do mar, o Deus Yam, agora deveria derrotar o Deus da infertilidade e da morte, Mot. Somente assim o cosmos voltaria a ser fértil. Logo, Baal desce ao submundo para enfrentar Mot, porém, perde a luta e morre. Seu destino é contado pelos mensageiros de Baal:

Baal está morto, o vitorioso  
pereceu o príncipe, o senhor da terra (KTU 1.5 VI, 9-10).

A natureza e a ordem do cosmos estão em grande perigo. El, então, lamenta a morte de Baal ressaltando os efeitos terríveis que ela traz à terra. Ademais, embora El seja o chefe do panteão, juntamente com Asherah, ele não interfere nas lutas cósmicas de cada deidade. Diante da morte de Baal, o casal divino, El e Asherah, escolhem Attar como substituto para Baal, porém ele é incapaz de governar:

E respondeu a Grande Dama, Asherah do mar:<sup>4</sup>  
Façamos então rei a Attar, o terrível!  
Que reine Attar, o terrível!  
Agiu assim Attar, o terrível,  
Subiu ao cume de Safon,  
Sentou-se no trono de Baal, o vitorioso.  
Seus pés não chegavam no repousa-pés  
Sua cabeça não alcançava a seu remate  
E respondeu Attar, o terrível:  
Não posso reinar no cume de Safon.  
Desceu Attar, o terrível  
Desceu do trono de Baal, o vitorioso,  
E reinou na terra de Deus, és toda ela. (KTU 1.6 I 53-65).

Com o reino cósmico em perigo, Anat, Deusa guerreira, irmã-amante de Baal, marcha até ao submundo em busca de seu amado. Chegando lá, encontra-se com Mot e exige o retorno de Baal ao mundo dos vivos (KTU 1.6 II, 9-12). Entretanto, Mot se nega, e reconta como vencera Baal (KTU 1.6 II, 13-23). Anat, por sua vez, ataca e mata Mot em um ritual de semeadura:

Um dia e mais se passaram,  
Os dias se fizeram meses;  
Anat, a donzela, procurou por ele.  
Como o coração da vaca por seu bezerro,  
Como o coração da ovelha por seu cordeiro,  
Assim batia o coração de Anat por Baal.  
Pegou o divino Mot,  
Com uma espada o perfurou,  
Com uma peneira o espalhou,  
no fogo o queimou  
com pedras de moinho o triturou,  
no campo o semeou.  
Sua carne a comeram, sim, os pássaros,  
Seus pedaços devoraram as aves,  
Carne em carne foi convidado (KTU 1.6 II, 26-37).

Anat, portanto, frustra os planos de Mot de estender o seu reinado até os domínios de Baal. Com a morte de Mot, Baal revive e, com isso, a ordem triunfa sobre as forças caóticas da morte. A narrativa contém uma lacuna de 40 linhas, o que possivelmente relataria a ressurreição de Baal. Na sequência, El, em uma visão, descobre que Baal ressuscitou:

Eis! Baal o vitorioso vive!  
Certamente o príncipe, o senhor da terra existe!  
(KTU 1.6 III, 20-21).

### 3 O caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da *Bíblia Hebraica*

Cada linha do Ciclo de Baal e Anat que comentamos até aqui paralelizam com algumas passagens da *Bíblia*. Isso só ressalta a importância dos estudos da mitologia ugarítica e a sua relação com o *Antigo Testamento*. Lete (1981, p. 74) destaca que a contribuição linguística e cultural de Ugarit para o desenvolvimento da literatura veterotestamentária se dá em um duplo processo de reação e de assimilação. Ora os textos bíblicos reagem à cultura ugarítica, por exemplo, o próprio YHWH como opositor a Baal, mas ao mesmo tempo também assimila. Continuemos com YHWH. Embora ele seja

<sup>4</sup> Asherah, após a derrota de Yam, passa a ser considerada a Deusa do mar ao mesmo tempo em que continua como chefe do panteão juntamente com El.

opositor a Baal, ele assimila as características de EL, incluindo a sua esposa, Asherah, e até mesmo assimila os atributos de Baal.

Além disto, há também a reelaboração de muitos aspectos da gramática e lexografia hebraica (LETE, 1981, p. 75). Isso é perceptível quando comparamos os próprios nomes das divindades ugaríticas com os nomes hebraicos das deidades inimigas de YHWH: Mar (em hebraico *Yam* e em ugarítico *Yam*); Leviatã (em hebraico *Livyatan* e em ugarítico *litan*); Tannin, em hebraico (também é traduzido por "crocodilo", mas que remete, dentro das narrativas míticas remete à serpente caótica), e Tunnanu, em ugarítico; e, por fim, a Morte (*mawet* em hebraico e *Mot* em ugarítico) (SMITH, 2018, p. 136).

Além das divindades, a própria morada de YHWH é uma assimilação e resignificação do mito ugarítico ao colocar o cume do monte Safon como morada de Baal. Na *Bíblia Hebraica*, é de Sião que YHWH rege o cosmo. Inclusive o Salmo 48 sobrepõe os mitos, colocando o monte Sião na extremidade do monte Safon, deste modo, YHWH ordena o caos – o mar e a morte (MENDONÇA, 2012, p. 156).

Assim, vejamos alguns exemplos de como a ordenação do caos do Ciclo de Baal e Anat ressoam nos textos da *Bíblia Hebraica*.

O Salmo 74,12-17<sup>5</sup> é um exemplo de como esses inimigos caóticos são enfrentados por YHWH:

Ora, *Elohim*, meu Rei, é desde a antiguidade; ele é quem opera feitos salvadores no meio da terra.

Tu, com o teu poder, dividiste o *Yam*; esmagaste sobre as águas a cabeça do Taninim.

Tu espedaçaste a cabeça do *Livyatan* e o deste por alimento às alimárias do deserto.

Tu abriste fontes e ribeiros; secaste rios caudalosos.

Teu é o dia; tua, também, a noite; a luz e o sol, tu os formaste.

Fixaste os confins da terra; verão e inverno, tu os fizeste.

Aqui, a derrota das deidades caóticas prefigura o prelúdio para o antigo evento da criação. Tudo

acontece nos primórdios dos tempos. Por outro lado, o texto de Is 27,1 apresenta a derrota do Leviatã como sinal dos tempos:

Naquele dia, YHWH castigará com a sua dura espada,

grande e forte, *Livyatan*, serpente veloz,

e *Livyatan*, serpente sinuosa,

e matará *Tananim* que está no *yam*.

Ainda neste sinal dos tempos, em Is 25,8, a morte é apresentada como inimigo cósmico a ser derrotado para a eternidade:<sup>6</sup>

Tragará a *Mowet* para sempre,

e, assim, enxugará YHWH *Elohim* as lágrimas de todos os rostos,

e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o YHWH falou.

Observa-se que ambos os textos possuem a roupagem da literatura apocalíptica, logo, textos tardios, mas que ainda carregam em si todo o imaginário mítico assimilado da cultura ugarítica.

Além disso, esta imagem de YHWH engolindo a morte reverte a imagem comparável de Mot querendo engolir Baal. Esse conflito com a morte oriundo da literatura ugarítica foi desenvolvido melhor na literatura apocalíptica do que no restante dos textos hebraicos (SMITH, 2018, p. 141).

Ainda no livro de Isaías, o texto bíblico apresenta YHWH como aquele que destruiu Tanin:

Desperta, desperta, arma-te de força, braço de YHWH;

desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas;

não és tu aquele que abateu *Rahab*

e feriu *Tanin*? (Isaías 51,9).

Além de destruir Tanin, YHWH é aquele que "abateu *Rahab*". A mesma deidade caótica encontra-se também em Jó e no Salmo 89 com a mesma função que Tanin de descrever o adversário primordial de YHWH:

<sup>5</sup> A tradução bíblica utilizada será a Almeida Revista e Atualizada com adequação dos nomes das divindades que se encontram no texto.

<sup>6</sup> O *Novo Testamento* relê o próprio texto de Is 25,8 em 1 Co 15,54, no qual a morte é derrotada por Jesus ao ressuscitar, segundo o relato bíblico.

Com a sua força fende o *Yam*  
e com o seu entendimento abate *Rahab*.  
Pelo seu sopro aclara os céus,  
a sua mão fere o dragão veloz<sup>7</sup> (Jó 26,12-13).

Calcaste a *Rahab*, como um ferido de morte;  
com o teu poderoso braço dispersaste os teus  
inimigos (Sl 89,10).

Tanto em Isaías quanto Jó e no Salmo 89, não faz sentido traduzir o termo hebraico "*rahab*" por orgulho, ou até mesmo como uma metáfora para o Egito. São textos que falam de tempos primordiais, nos quais YHWH é exaltado como aquele que ordenou o caos ao derrotar seus inimigos. De acordo com os textos bíblicos e seus contextos literário, *Rahab* seria uma espécie de monstro marinho.

Por outro lado, o livro de Jó, além desse texto citado, apresenta as deidades caóticas como bestas domesticada por YHWH, e não somente como suas inimigas. Assim, Deus responde a Jó que ele tratou *Yam* como um bebê recém-nascido e não como seu inimigo (Jó 38,8-11). *Leviatã* é uma criatura marinha capturada pelo "anzol" de Deus (Jó 40,25; 41,1).

Essa imagem de *Leviatã* como animal domesticado, a princípio, pode ser contra a expectativa dos leitores israelitas, visto que conheciam a mitologia ugarítica e suas apropriações na fé israelita como monstro dos tempos primordiais destruídos por YHWH. Todavia, essa domesticação do monstro marinho seria uma forma de apropriar a figura de El, especialmente a sua proximidade com as deidades caóticas *Yam* e *Mot*, ambos tratados como "amado" da divindade. Dessa forma, YHWH é considerado uma figura de El, uma divindade criadora que tem forças monstruosas cósmicas como animais domésticos amados (SMITH, 2018, p. 142).

Enfim, expomos alguns exemplos de como a ordenação do caos relatada no ciclo de *Baal* e *Anat* ressoam nos textos da *Bíblia Hebraica*, seja para contrapor a mitologia ugarítica ou para assimilá-la, e até mesmo ressignificá-la.

## Considerações finais

As descobertas arqueológicas na cidade de Ras Shamra, Síria, a antiga Ugarit, ampliaram a discussão sobre a religião de Israel e Judá, e todo o imaginário religioso presente nos textos da *Bíblia Hebraica*. Em nosso ensaio, focamos no ciclo de *Baal* e *Anat*, especialmente em relação à ordenação do caos.

Nessas narrativas, o caos primordial é representado no ciclo de *Baal* e *Anat* nas deidades *Yam*, o Deus do mar, *Litan*, a serpente monstruosa e *Mot*, o Deus da morte. Como visto, toda a saga de *Baal* na luta contra as deidades caóticas o levam a ascender no panteão ugarítico. Derrotando *Yam*, *Baal* constrói o seu palácio no monte *Safon*. Ao ressuscitar, após *Anat* ter vencido *Mot*, *Baal* encerra sua saga como o "senhor de toda a terra", aquele que garantiu ordem ao cosmo.

Todo este imaginário de *Baal* derrotando as deidades caóticas está muito mais presente nos textos bíblicos do que a imagética de *Marduk* vencendo *Tiamat*, por exemplo. É certo que ao falarmos de imaginário do Antigo Oriente Próximo não podemos definir os limites com nitidez, mas tão somente observar a circularidade cultural existente. O exercício deste ensaio nos proporcionou observar a ressonância do imaginário ugarítico nos textos do *Antigo Testamento*.

## Referências

- BARNES, J. Filósofos pré-socráticos. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis. Literatura e Religião: o conceito de caos no mundo antigo. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 2, jul./dez. 2016, p. 45-63.
- LETE, Gregorio Del Olmo. *Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

<sup>7</sup> Trata-se de uma referência à *Livyatan*.



MENDONÇA, Élcio Valmiro Sales de. *Monte Sião extremidade do Safon: Estudo da influência da mitologia cananéia na Teologia de Sião a partir da análise exegética do Salmo 48*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

MOURA, Rogério Lima de. A Cidade de Ugarit: Contribuições para o Estudo da Religião do Antigo Israel. *Revista Nures*, ano XII, n. 32, p. 1-20, jan./abr. 2016.

MOURA, Rogério Lima de. O Concílio dos Deuses no Salmo 82 e na Literatura Ugarítica. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2012.

SCHNIEDEWIND, Willian M.; HUNT, Joel H. *A Primer on Ugarit: Language, Culture and Literature*. Cambridge: University Press: 2007. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511996962>

SMITH, Mark S. O Memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. 1ª reimpr. Porto Alegre: Paulus, 2018.

---

### Sue'Hellen Monteiro de Matos

Doutoranda e Mestre em Ciências da Religião, área de concentração Linguagens da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); bolsista Capes. Possui graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo (FATIP) e em Biomedicina pela Faculdade Ingá (UNINGÁ). Membro do grupo de Pesquisa Arqueologia Bíblica (UMESP); professora na Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) no curso de Teologia.

---

### Endereço para correspondência

Sue'Hellen Monteiro de Matos  
Universidade Metropolitana de Santos  
Av. Gen. Francisco Glicério, 8  
Encruzilhada, Santos - SP  
CEP 11045-002